

# SUPLEMENTO CULTURAL

Sob a responsabilidade da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras  
Coordenação: Geraldo Ramon Pereira - Contato: (67) 3382-1395, das 13h às 17h | www.acletrasms.org.br

## O poder transformador da obra drummoniana

**MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA (1927-2016)** - pertenceu à ASL

Carlos Drummond de Andrade... Impossível não escrever sobre ele, depois que pousou em mim seus olhos de azul profundidade, lembrando-me do quanto sua poesia mudou meu ritmo de vida e o das gerações que percorreram comigo as avenidas de suas geniais criações. Drummond foi homem ligado ao tempo, aos homens, aos mínimos acontecimentos a seu redor.

Situado entre companheiros, senti a necessidade de caminhar com eles para entender a si mesmo e ao mundo em que vivia. No livro "A Rosa do Povo", senti a realidade penetrá-lo como algo físico, ao proclamar a identificação com o leiteiro, que se levantava cedo para matar a sede do país, com as moças, que gritavam na tempestade do mundo, com os homens pequeninos à beira do rio da América, concitando-os a ir para frente, "recuando de olhos acesos".

Lutando com palavras, domesticando-as com a paciência de um domador de serpentes oriental, apoderou-se do universo, ao transformar os signos gráficos em "terra, palavra espacial, tatuada de sonhos, cálculo".

Foi ele que nos ensinou que a vida é um



Carlos Drummond de Andrade

“Lutando com palavras, domesticando-as com a paciência de um domador de serpentes oriental, apoderou-se do universo...”

mover-se em meio a milhões de formas raras, secretas, duras, “sobrevivendo através do humor”. Depois de perdermos a in-

fância, o melhor amigo, quando a solidão tenta cobrir-nos com a sua “forma definitiva e concentrada”, apenas o riso nos ajuda a suportar o frio, o tédio, a morte. Talvez por isso se compare Carlitos, “gauche” como ele, eterno vagabundo, que, para sobreviver, transformava os cordões dos sapatos em fios de macarrão.

Considerando-se um poeta brasileiro, não dos maiores, mas dos mais expostos à galhofa, recusava-se a dar entrevistas, por que não apreendiam seu verdadeiro eu, que deveria ser buscado numa poesia que há mais de meio século vinha encorajando, inspirando gerações, que se sucediam e repetiam: “Não se mate, oh não se mate./Reserve-se todo para/as bodas que ninguém sabe/quando virão/se é que virão”.

Ler Drummond é percorrer a solidão da América, ouvir vozes de sonho, angústia, desespero, mas é também saber que um dia ainda haverá: “Um mundo enfim ordenado/Uma pátria sem problemas,/Sem leis e regulamentos,/Uma terra sem bandeiras”.

Ler Drummond é poder viver em silêncio, na esperança de melhores dias, porque ele nos deu confiança ao nos ensinar que superaremos a morte e triunfaremos um dia como “carinhosos diamantes”. A obra drummoniana eleva, transforma o mundo.

## Poemas Concebidos sem Pecado\*

**PE. AFONSO DE CASTRO** - Cadeira nº 2 da ASL

Atmática deste primeiro livro\* do poeta Manoel de Barros compreende reminiscências da infância do poeta na cidade de Corumbá ou cercanias. As lembranças são recriadas nas asas da liberdade. Procura, além de recordar, fixar cenas, retratar o que a memória lhe oferecer como matéria do poema. Algumas cenas de Corumbá reaparecem através da vida passada por costumes infantis ou por personagens que se impuseram à memória como significativos na vida de então. O princípio selecionador desses tipos já está a indicar a tendência futura, isto é, a convivência com as crianças, com os bêbedos, com os loucos, com os vagabundos e com tipos exóticos, de modo especial apreciados pelo desprendimento e pela completa gratuidade de tudo. O poeta ironiza parnasianos, e a si também, ao

afirmar que a poesia, o poeitar excita a vida.

A composição dos poemas deste livro não obedece a qualquer critério formal, obedecem os poemas ao ritmo do poeta que, por sua vez, governa-se pelo ritmo das palavras e da própria poética. Não há como separar verso/conteúdo e figuras estilísticas. A poesia em Manoel de Barros manifestou-se como um todo complexo e compacto, sobressaindo o trabalho e o trato das palavras. A forma não é buscada enquanto forma, mas enquanto expressão e palavra poética. É a expressão poética que cria a forma. A palavra geradora de poesia é que se dispõe, criando. A partir daí, o fluir dos poemas impõe-se por si. As alusões irônicas ao parnasianismo são insignificantes para quem cometeu o primeiro livro de cento e cinquenta sonetos e não o publicou.

Como composições significativas, indicam-se, como dado inicial, marcante da

modalidade de poema-notícia “Cabeludinho”, e para mostrar os tipos de sua infância, o poema “Seu Margens”:

“CABELUDINHO”: “Sob o canto do bate-num-quara nasceu Cabeludinho/Bem diferente de Iracema/Desandando pouquíssima poesia/O que desculpa a insuficiência do canto/Mas explica a sua vida/Que juro ser o essencial/- Vai disremelar esse olho, menino!/- Vai cortar esse cabelão, menino!/Eram os gritos de Nhanhá”.

“SEU MARGENS”: “Seo Zezinho-Margens-Plácidas, célebre fazendo de discursos patrióticos, agora aposentado, morava em seu sítio denominado A Abóbora Celeste, numa curva da estrada que procurava a Cacimba da Saúde./Vendia passarinhos e demais produtos do sítio./A gente negociava:/Seo Margens, dá duzentão de sabiá.../Vinhã 3 sabiás: 2 de quiçaça e 1 de laranja”.

## 3 Casos de Juína

**EDUARDO MACHADO METELLO (1930-2000)** - pertenceu à ASL

Custou mas troquei de carro. Comprei um jipinho importado, da Kia, o Sportage, adquirido da concessionária do meu amigo Pinesso. Aposentei a velha cabine dupla. O novo veículo tem todas as mordomias modernas. Econômico, com tração nas quatro portas, macio, gostoso. Uma graça. Outro dia fui levar à fazenda um comprador de touros, vindo de Juína, Mato Grosso, com a esposa. Quando entrou no carro, ela exclamou: - Que apito é esse? Parece até aquela campanha de avião!

Esclareci, brincando: - Esse apito dispara

por três motivos: ou há alguma porta aberta, ou falta colocar o cinto de segurança ou, então, quando entra mulher feia no carro...

Ante o susto que ela levou, consertei em seguida: - Como a senhora é muito bonita e a porta não está aberta, a campainha está tocando, certamente, porque falta apertar o cinto de segurança!

2 O meu amigo, fazendeiro em Juína, grande conhecedor de nelore e trabalhador incansável, depois de apartar os animais que desejava, o que fez com ciência, passou a se preocupar com o que estaria acontecendo na sua fazenda, lá no norte.

Pegou o celular e começou a falar com o administrador: - Tudo bem por aí? Quais são as novidades? A égua Xuxa pariu? Óti-

mo! Filho do Telefone? Vai dar bom, seu! É bom marchador? O Raul, peão, que estava escutando a conversa, ao nosso lado, ouvindo o galo cantar, mas não sabendo onde, deu a sua: - Telefone? Já estão fazendo filho por telefone?

3 Os pernilongos estavam insuportáveis naquela tarde. Ninguém tinha sossego, espantando os terríveis mosquitos. O pior era o zumbido dos bichos, que parecia provocação.

- Como vocês chamam os pernilongos por aqui? - perguntou o meu amigo.

- Pernilongos mesmo - respondi. Logo vi que tinha caído numa armadilha. Rindo, retorquiu: - Pois lá em Juína não precisam ser chamados. Eles vêm sem convite...

## João Barulho

**ADAIR JOSÉ DE AGUIAR (1924-2013)** - pertenceu à ASL

João Barulho, como era conhecido, pois eu nunca soube seu nome verdadeiro, como também jamais tive conhecimento da razão desse apelido, era um gaúcho disposto, da fronteira do Rio Grande do Sul. Tropeiro por vocação ou destino, era visto montando um Pingo bem aperado, frequentando festas, bailes e, de modo especial, comércio de carreiradas. Não consta se era metido a valente, o que se sabe é mais o lado pitoresco de suas lorotas e aventuras.

Certa feita, regressando de viagem, deu

com um baile em casa. Nem titubeou; desencilhou o cavalo, estendeu os arreios no meio da sala e se deitou. O baile acabou!

Outra vez, no tempo das revoluções, chegou num rancho campeiro e pediu água. As mulheres, apressadas, acorreram buscando um copo apresentável para servi-lo. Ele, sem cerimônia, disse: “Não se atropelem, donas, chiru velho como eu bebe água de bunda prá cima lá na sanga”. Depois, elas lhe apresentaram uma carta chegada da frente revolucionária, onde estavam os maridos, pedindo para que ele a lesse. Rápido, pegou a missiva e já foi dizendo: “vão chorando siás donas, porque o causo é triste”. Elas, já lacrimosas, perguntaram: “mas

por que, seu João?”. “Porque eu não sei ler”, respondeu.

Em outras ocasiões, quando lhe davam cartas para ler, ele as pegava de pernas para cima e, se lhe diziam: “Está virada, seu João”, respondia: “É porque já estou deslendo”. Contavam também que era contador de tropas. Subia numa tronqueira da porteira, soltavam o gado e ele ia contando: “Lá vai um, vai dois, vai três e já não sei mais...”. Contudo, se numa ronda noturna faltasse uma rês, ele conhecia pelo pelo a faltosa.

Tinha um bonito relógio de ouro, de algebeira, e verificava as horas assim: “São oito e sessenta e o bicho está se dando volta!”.

## +POESIAS

### Introspecções ao limiar do Ano-Novo

Eu tenho andado a mil, tenho mirado milhares de misteres e migalhas... Já perdi guerras e venci batalhas, fui inocente e me senti culpado...

Por mil e uma sendas tenho andado tentando contornar tantas muralhas que, pálidas, conhecem minhas falhas e buscam desarmar o meu cuidado.

Em campos de trigais, fui avelós sem sombra, em solidez, sondando, a sós, os solitários sóis das solitudes...

Entanto, eu decidi: daqui pra frente, vou ser presente enfim no meu presente, não mais contemplarei os gestos rudes!

**RUBENIO MARCELO**  
(Com meus sinceros votos de felicidades neste 2023 e sempre!)

### Reflexões de ano ao fim

Mais um ano se vai no calendário, Um ano a mais se esvai da nossa vida, Mais um ano de meta inatingida Pra quem o sonho é sempre imaginário!

Vou, assim, carregando o meu calvário Pela estrada espinhosa e tão comprida... Tanta coisa ficando dolorida, Mas o poeta vai firme e visionário!

Um ano que passou e levou tanto Do meu sonho, esperança, meu encanto, Roubou tanto do tudo que se tem...

Só não pôde levar nenhum pouquinho Dessa eterna riqueza - o teu carinho - Que é só sonho, mas faz-me tanto bem!

**GERALDO RAMON PEREIRA**

### Mais uma vez

Mais uma vez, um ano chega ao fim e um novo ano começa. No coração, o mesmo desejo; No desejo, as mesmas palavras; nas palavras, as mesmas promessas; nas promessas, o mesmo propósito. Mesmo? Não! Mesmo que o ritual seja o mesmo, São novos os desejos, as palavras, as promessas, os propósitos...

Porque já não somos os mesmos. Tudo se renova a vida se faz nova indefinidamente continuamente...

**ILEIDES MULLER**

### Verde

Preto que te quero verde. Verde que te quero natureza. Natureza que te quero homem. Homem que te quero humano. Humano pra sobreviver.

Sobreviver  
reviver  
viver  
ver  
de  
verde.

Meio:  
Ambiente.

**HENRIQUE ALBERTO DE MEDEIROS FILHO**

### Aventura

buscar aventuras é preciso; é preciso dar tempero à vida.

fazer loucuras é preciso; é preciso dar sentido à vida.

necessário é combater sistemas, principalmente os que são contra a vida.

indispensável mesmo é cometer poemas, pois estes são vitais à vida.

**SÉRGIO FERNANDES MARTINS**

### Belo feio

nunca fui homem sou apenas um espectro com mil faces à deriva os anos tornaram-me medonho as faces já não se disfarçam nem as roupagens apagam os desvios da imagem sou um monstro que, de tanta dor, apaixonou-se pelo belo que o feio contém.

**ANA MARIA BERNADELLI**